

Profª Patricia Regina Wanderlinde Alves

EB Profª Judith Duarte de Oliveira – Itajaí/SC

Título

Juntos pela paz: é tempo de semear

Resumo

Todos nós queremos alcançar a paz. Desejamos ter a paz interna, paz interpessoal, paz no trabalho, paz em nossas famílias e comunidades, mas para que isso aconteça, a paz precisa se tornar mais do que apenas uma palavra. Foi acreditando nisso que desenvolvi um projeto para motivar as futuras gerações a construírem um mundo mais solidário e sustentável, onde encontraremos respeito, segurança e dignidade para todos. Tudo começou no início de 2017, enquanto eu realizava uma roda de leitura com os alunos do 5º ano de uma escola pública municipal. Naquele momento um fato chamou muito a atenção de todos: um aluno trouxe um texto jornalístico que falava sobre a morte de um idoso numa discussão de trânsito. Os alunos manifestaram indignação e revolta por esta situação e por várias outras manifestações de violência que estavam acontecendo na escola, comunidade, município e em outros lugares do planeta. Eles me questionaram sobre como poderíamos contribuir para promover uma mudança na situação que estávamos vivendo. Foi nesse contexto que surgiu a necessidade da elaboração do projeto "Juntos pela paz: é tempo de semear". O projeto, iniciado com os alunos do 5º ano e ampliado para os demais alunos da escola, buscou desenvolver valores relativos à paz e à não violência através de experiências significativas para a vida de todos os seres do planeta, pois em tempos de tantas guerras, conflitos e intolerância, nada melhor do que despertar nas pessoas o desejo de se tornarem semeadoras da paz. Ao selecionar as atividades, procurei resgatar o saber do educando e a contextualização dos conteúdos com as suas vivências e realidade, não deixando de analisar, criticamente, cada uma delas, tanto em relação à aprendizagem, quanto em relação à construção de valores, como respeito, amor e amizade, essenciais para os alunos. À medida que as atividades foram sendo desenvolvidas, houve uma melhora significativa na aprendizagem e uma mudança no modo como os alunos analisavam tudo a sua volta. Eles começaram a ser mais parceiros da escola, sinalizando problemas que observavam no ambiente escolar e sugerindo ações para o despertar de atitudes pacíficas, solidárias e *antibullying*. Além disso, houve um grande envolvimento das famílias, empresários, comunidade e meios de comunicação. Verifiquei também que, através do diálogo e da investigação, os alunos se envolveram em uma trajetória de aprendizado compartilhado, assumindo a responsabilidade pelo seu próprio crescimento, ficando evidenciado na confecção de livros, audiolivros e aplicativos sobre cinco pacificadores que fizeram diferença e deixaram a sua marca na história e, principalmente, na produção de um informativo escolar, com tiragem mensal de 3000 exemplares.

Planejamento

Eu me formei no magistério aos 16 anos de idade e comecei minha vida profissional quando passei em um concurso público, aos 17 anos. De lá para cá, sempre trabalhei como professora dos anos iniciais do ensino fundamental e, passados 27 anos, continuo a mesma professora apaixonada pela minha profissão e em busca de fazer a diferença na vida dos meus alunos. Com este propósito, sempre estou procurando desenvolver projetos que os auxiliem em sua aprendizagem, buscando realizar um trabalho de maior

qualidade, promovendo situações que os levem a refletir sobre sua realidade, buscando alternativas para transformá-la.

Num desses momentos, enquanto eu realizava uma roda de leitura com os alunos do 5º ano de uma escola pública municipal, desenvolvendo habilidades de leitura, antes, durante e depois da leitura (SOLÉ, 1998), um fato chamou muito a atenção de todos: um aluno trouxe um texto jornalístico que falava sobre a morte de um idoso numa discussão de trânsito. Os alunos manifestaram indignação e revolta por esta situação e por várias outras manifestações de violência que estavam acontecendo na escola, comunidade, município e em outros os lugares do planeta. Eles me questionaram sobre como poderíamos contribuir para promover uma mudança na situação que estávamos vivendo.

Foi nesse contexto que, no início de 2017, surgiu a necessidade da elaboração do projeto "Juntos pela paz: é tempo de semear", pois em tempos de tantas guerras, conflitos e intolerância, nada melhor do que despertar nas pessoas o desejo de se tornarem semeadoras de paz. Nesse sentido, imperioso se faz termos a consciência de que a paz e a educação são aspectos inseparáveis da civilização. Nenhuma civilização é verdadeiramente progressiva sem educação e nenhum sistema educacional é verdadeiramente civilizador, a menos que se baseie nos princípios universais da paz (DANESH, 2011).

Os maiores desafios para a humanidade, no início do século XXI, são os conflitos, a violência, o terrorismo e a guerra, juntamente com suas terríveis consequências: a pobreza, doenças, desespero, destruição ambiental e má liderança. Esses desafios estão presentes em todos os níveis da vida humana e, apesar de muitos recursos terem sido utilizados para compensar esses estragos, há relativamente poucos programas dedicados a um plano de ação para educar crianças, jovens, famílias, e orientar comunidades sobre os princípios da paz.

A ONU (Organização das Nações Unidas), de acordo com o "Programa de ação sobre uma cultura de paz", define essa cultura como "um conjunto de valores, atitudes, modos de comportamento e formas de vida que rejeitam a violência e evitam conflitos, abordando suas causas originais para resolver problemas através do diálogo e da negociação entre indivíduos, grupos e nações." (UNESCO, 2007, p.8.) Nessa perspectiva, ao desenvolver o projeto Juntos pela paz: é tempo de semear, busquei desenvolver valores relativos à paz e à não violência através de experiências significativas para a vida de todos os seres do planeta.

Outros objetivos do projeto foram: compreender a importância da paz e conhecer suas diferentes abordagens; desenvolver um comportamento pacífico e respeitoso entre todos os membros da comunidade; colaborar para o desenvolvimento de uma cultura de paz e não violência, dentro e fora da escola; desenvolver uma consciência ambiental para a preservação da natureza e dos seres vivos; discutir ações a serem desenvolvidas na escola e outros ambientes que desenvolvam atitudes pacíficas, solidárias e *antibullying*; incentivar a leitura e a criatividade, buscando desenvolver as potencialidades de comunicação, o prazer de ouvir e fazer leitura de livros e textos de diversos gêneros textuais; exercitar a leitura como prática democrática, fundamental na formação do senso crítico e da cidadania, desenvolvendo as habilidades linguísticas de falar, escutar, ler e escrever; realizar atividades com jornais, revistas, livros, vídeos, filmes, pinturas, internet, para a elaboração de um informativo que culmine no trabalho conjunto de toda a equipe escolar, colaborando para o desenvolvimento de uma cultura de paz que ultrapasse os muros da escola.

Por se tratar de um projeto interdisciplinar, busquei trabalhar conteúdos que contemplassem o maior número de disciplinas possíveis e que despertassem o interesse dos alunos e da comunidade escolar. Entre os conteúdos abordados durante o projeto, destaco: relatos de experiência (vivências pessoais, profissionais e sociais); qualidade de vida; conceitos de paz; movimentos de paz e não violência no passado e presente; resolução pacífica de conflitos (gerenciamento de raiva, linguagem não violenta e comportamento); *bullying*; proteção e sustentabilidade ambiental; gráficos e tabelas; gêneros textuais, utilização de linguagens de mídia, entre outros. O projeto estaria justamente suprimindo a necessidade de conhecimento da cultura de paz, abrangendo não só informações sobre o tema abordado, mas também proporcionando aos alunos a vivência, pois além das pesquisas e estudos teóricos, aos alunos foram propostas atividades práticas ao longo do projeto.

Diagnóstico

Eu sou professora na mesma escola pública municipal há 25 anos, a Escola Básica Professora Judith Duarte de Oliveira, localizada no bairro Itaipava, no município de Itajaí, situado no litoral norte de Santa Catarina. O município tem desde os seus primórdios uma forte ligação com a navegação e hoje abriga um dos maiores complexos portuários do país.

Atualmente a escola possui 370 alunos, 25 professores e 5 funcionários. Ela oferece o ensino de educação infantil e fundamental completo, incluindo a EJA (Educação de Jovens e Adultos). Em sua estrutura física, a escola possui: 9 salas de aula, sala do espaço de vivências para alfabetização (reforço escolar para alunos não alfabetizados), sala multifuncional, biblioteca, laboratório de informática, sala de vídeo, banheiros masculino e feminino, sala dos professores com banheiro, secretaria, sala da direção, sala da administração, sala de supervisão e orientação educacional, cozinha com depósito, quadra de esportes, parquinho, depósito de materiais de limpeza, sala de arquivo e dois pátios descobertos.

O bairro Itaipava tem aproximadamente sete mil habitantes e, mesmo fazendo parte do perímetro urbano, ainda cultiva seu aspecto rural. Itaipava é um bairro com função residencial e industrial, visto que no bairro estão localizadas seis olarias (fábricas de tijolos) e empresas como: Treinavil, Multilog, Refribrás Armazéns Refrigeríficos, Cravil Loja Agrícola, COLCCI A.M.C. Têxtil Ltda., Souza Cruz Distribuidora de Cigarros, entre outras. Isto acaba contribuindo para a migração constante de pessoas procurando emprego e rotatividade de famílias oriundas de outros estados brasileiros. Contribui também para o aumento do índice de violência e criminalidade, coisa que em alguns anos atrás não se ouvia falar.

Foi neste contexto que, no ano de 2017, o projeto Juntos pela paz: é tempo de semear teve início. Eu comecei o ano lecionando para trinta alunos, numa turma de quinto ano. A maioria desses alunos tinha nove e dez anos de idade. Havia 4 alunos com doze anos, com histórico de repetência escolar. A turma era bastante heterogênea. Tenho muitos alunos com dificuldades de leitura, escrita, raciocínio lógico matemático, entre outras. Dentre estes, 6 alunos com deficiência intelectual (1 na hipótese silábica de escrita e 3 se encontravam na hipótese silábico-alfabética (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985), 1 com dislexia, 1 autista e 1 com deficiência física, devido a paralisia cerebral. Além disso, a maioria dos alunos é de origem social economicamente desfavorecida.

O fato de ser uma turma com bastante dificuldade de aprendizagem e ter tantos alunos com necessidades educacionais especiais não foi impedimento para desenvolver esse projeto, muito pelo contrário, me incentivou a trabalhar de forma ainda mais significativa e diversificada. Segundo Ausubel (1988), é indispensável para que haja uma aprendizagem significativa, que os alunos se predisponham a aprender

significativamente. Para ele a aprendizagem significativa é entendida como um processo em que as novas informações, para serem assimiladas de maneira estável e útil, devem interagir com certas ideias relevantes, previamente existentes na estrutura cognitiva do sujeito.

Nesse sentido, para acionar os conhecimentos prévios dos alunos sobre a temática do projeto, resolvi solicitar que eles representassem, através de desenhos, o que significava a paz para eles. Depois desse momento, cada aluno apresentou e explicou o seu desenho para os demais. Esta situação inicial propiciou uma conversa sobre os diferentes significados de como seria uma cultura de paz ideal para eles. Ao analisar as apresentações, fui registrando suas palavras e percebi que evidenciavam conhecimentos superficiais sobre o tema, refletindo respostas do senso comum. Elas expressaram generalizações, conforme revelam as falas: "Ter paz para mim é acabar com as guerras" (alunos 1, 4, 7, 9, 15, 16, 21, 25 e 29); "Acho que para ter paz tem que serem destruídas todas as armas do mundo"(alunos 2, 5 e 23); "Quando os policiais conseguirem prender todos os bandidos e assaltantes, teremos mais paz no mundo, porque não teremos mais medo" (alunos 8, 10 e 22).

As falas continuaram revelando que os alunos possuíam grande carência de informação sobre a cultura de paz: "Paz é viver tranquilo, sem brigas, sem discussões" (alunos 3, 6 e 11); "Para ter paz tem que acabar com as drogas, porque muitas pessoas matam para roubar drogas" (aluno 28).

Conhecer a concepção dos alunos sobre esta temática me permitiu reconhecer seus saberes, limitações e influências culturais e, sobretudo, possibilitou verificar que eu tinha um longo caminho a percorrer, por isso, ao planejar este projeto, busquei atender à diversidade dos alunos com conteúdos relevantes e atividades desafiadoras que pudessem promover uma compreensão significativa do que seria a educação para uma cultura de paz.

Desenvolvimento

Sendo conhecedora da importância de se ter um espaço adequado para a realização de leitura, tenho um cantinho na minha sala onde os alunos interagem com diversos materiais e gêneros textuais. Neste espaço busquei organizar estratégias que favorecessem a interação entre língua e linguagem nas diferentes situações de leitura. Dentre elas, a organização de rodas de leitura diárias ou semanais, com aproximadamente trinta minutos de duração, buscando desenvolver, nesses momentos, habilidades de leitura antes, durante e depois da leitura (SOLÉ, 1998). Esse espaço possui um sofá, almofadas, tapete, estantes e livros variados, sendo que todos estão disponíveis aos alunos no momento em que eles quiserem, nas rodas de leitura, recreio ou quando estiverem ociosos ao terminarem suas atividades (anexo 1, imagens 1 a 6).

Foi justamente num desses momentos, de análise de um texto jornalístico, que os alunos se motivaram a promover uma mudança na situação de violência e falta de respeito que estávamos vivendo. Dessa forma, surgiu a necessidade da elaboração do projeto Juntos pela paz: é tempo de semear. O projeto busca desenvolver valores relativos à paz e à não violência através de experiências significativas para a vida de todos os seres do planeta.

Após conhecer a concepção dos alunos, na realização do diagnóstico, senti a necessidade de despertar-lhes o desejo de se tornarem participantes ativos do projeto, interagindo e contribuindo com sugestões para se criar uma cultura de paz, então fiz a leitura e interpretação oral do conto "O Jovem e as estrelas do mar" (anexo 1, imagem 7). Em resumo, o texto mostra um exemplo de como, com pequenas atitudes,

podemos fazer a diferença onde quer que estejamos. Os alunos compreenderam a mensagem e o que, no início era uma simples ideia de fazer uma pesquisa sobre a cultura de paz, refletir sobre ela, conhecer suas características e identificar suas influências, tornou-se um grande desafio, pois o interesse dos alunos aumentou cada vez mais e novas ideias surgiram ao longo do desenvolvimento do projeto, que serão descritas ao longo deste relato.

Dando sequência ao projeto, fizemos a leitura e interpretação de um pequeno texto e da música "A paz" (anexo 1, imagens 8 e 9), do conjunto Roupas Nova. Após cantarem várias vezes, os alunos foram divididos em equipes para representarem cada estrofe com desenhos e, depois das ilustrações concluídas, eles faziam a apresentação para os demais grupos (anexo 1, imagens 10 a 14). Foram realizadas também atividades de interpretação escrita da música e jogo dos sete erros (anexo 1, imagens 15 a 21), bem como o estudo da Declaração e Programa de Ação Sobre uma Cultura de Paz, da Assembleia Geral da ONU (anexo 1, imagens 24 e 25).

Comecei também a enviar, semanalmente, uma frase de Martin Luther King e Mahatma Gandhi para os alunos lerem em casa e discutirem com seus pais. Sempre, no dia seguinte ao envio das frases, discutia com a turma sobre a reflexão realizada em família. Houve um grande envolvimento das mesmas nesta atividade.

Dando continuidade às atividades, utilizei um projetor para apresentar aos alunos a obra "Guerra e Paz", do pintor brasileiro Candido Portinari (anexo 1, imagens 22 e 23) e os alunos realizaram algumas atividades.

Já tendo algum conhecimento sobre a cultura de paz, solicitei que eles escrevessem uma poesia com esta temática, para que eu pudesse observar o quanto cada um tinha avançado em seus saberes. Fiquei feliz com o resultado, pois, de modo geral, eles refletiram os novos conhecimentos em sua escrita, inclusive aqueles que estão em processo de alfabetização (anexo 1, imagens 26 e 27).

Usando um projetor, apresentei para os alunos o clipe oficial da música "Heal the world" (Cure o mundo), do cantor Michael Jackson. Após o vídeo, entreguei a letra da música em inglês, com a tradução ao lado. Fizemos a leitura e interpretação oral da mesma, fazendo uma comparação com a paródia "A Paz", do conjunto Roupas Nova. Os alunos perceberam as semelhanças e diferenças entre as duas versões, porém identificaram que a essência das duas era a mesma. Realizaram também atividades com a música e caça palavras (anexo 1, imagens 28 a 32).

Em uma sala de aula, os alunos têm diferentes níveis de conhecimento e, para ajudar cada um a progredir em seus saberes, procurei diversificar os desafios, por isso, dando sequência às atividades, comecei a fazer a leitura compartilhada do livro O pequeno príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry. Todos os dias, antes de iniciar as atividades, eu li para os alunos alguns capítulos do mesmo, até concluir a leitura. Abramovich (1997, p.23) afirma que é de suma importância ler para os alunos, mesmo que eles já saibam ler, pois segundo ele " [...]quando a criança sabe ler é diferente sua relação com as histórias, porém, continua sentindo enorme prazer em ouvi-las."

Vale a pena destacar, também, a importância da leitura compartilhada para a formação de leitores, pois de acordo com Colomer, "compartilhar obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência de outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora,

fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades múltiplas" (COLOMER, 2007, p.143).

À medida que ia sendo feita a leitura do livro, foram realizadas reflexões bastante significativas, inclusive sobre *bullying*, o que me levou a pesquisar e organizar uma série de atividades com um dos capítulos que os alunos mais gostaram: O diálogo do príncipe e a raposa (anexo 1, imagens 35 a 43). Foi realizada também uma entrevista sobre amizade, com alguém que os alunos tivessem bastante afinidade (anexo 1, imagem 44 e 45). Após a realização das entrevistas, fizemos um debate sobre as mesmas.

A partir disso, foi retomada uma frase de Saint-Exupéry (2015, p. 70) "O essencial é invisível aos olhos", e reforcei que essa atitude dos alunos era essencial para ajudar a construir uma vida melhor e mais digna para todos.

Além de acompanhar as dificuldades e os avanços de cada aluno em todos os momentos do trabalho, fazendo a análise de suas produções, comentários, descobertas e dúvidas, senti a necessidade de ampliar ainda mais o referido projeto, pois acredito que a paz pode ser semeada em qualquer lugar e a todo tempo. Para isso, dando sequência às atividades desenvolvidas, iniciei a confecção de livros sobre pacificadores que deixaram a sua marca no mundo. A partir de então, levei os alunos ao laboratório de informática para que pesquisassem e conhecessem alguns pacificadores. Depois de serem listados os nomes dos mesmos, os alunos fizeram a escolha de cinco para que os conhecessem melhor: Martin Luther King, Mahatma Gandhi, Nelson Mandela, Madre Teresa de Calcutá e Anne Frank. A partir de então, os alunos foram divididos em cinco equipes para pesquisarem a história mais detalhadamente e, posteriormente, confeccionarem livros sobre os mesmos (anexo 2, imagens 1 a 7).

Após a pesquisa, entreguei para cada grupo um bloco de papel almaço e expliquei para os alunos como montar um livro, orientando passo a passo como deveriam escrevê-lo: capa, contracapa, página de rosto, introdução, referências. Este bloco seria o rascunho do livro que, quando concluído, seria publicado (anexo 2, imagens 8 a 11). Após terem concluído a história dos pacificadores, solicitei que elaborassem também uma seleção de frases conhecidas e um *quiz*, com dez perguntas e respostas sobre os mesmos, a fim de serem também incluídas no livro.

Depois dos rascunhos prontos, os alunos digitaram no laboratório de informática e ajudei-os na escolha das imagens. Eu levei para um técnico em computação realizar a arte e imprimir os livros, que fazem parte da "Coleção semeadores da paz", tendo por objetivo mostrar às novas gerações cinco pacificadores que fizeram diferença na história e que, com seu exemplo, deixaram um legado de força, coragem e esperança para toda a humanidade (anexo 2, imagens 12 a 16).

Além da produção escrita dos livros, questionei os alunos sobre como levar o conhecimento desses pacificadores para as pessoas que, infelizmente, não sabem ler ou que possuem algum problema de visão. Foi aí que surgiu uma grande inquietação em todos: como aproximar essas pessoas dessas histórias tão inspiradoras? Como proporcionar o encantamento pela leitura com tamanhas dificuldades? Resolvemos, então, produzir, juntamente com os livros impressos, audiolivros com as histórias lidas pelos alunos e gravadas em CDs.

Quando tudo estava pronto, apresentamos os livros e os audiolivros numa exposição que foi organizada pela escola: "Leitura na qualidade de vida" (anexo 2, imagens 17 a 22), contendo os trabalhos realizados por todas as turmas no primeiro semestre.

Depois da exposição, fui convidada para apresentar o projeto no conselho de classe da escola, a fim de mobilizar todos os professores para trabalharem essa temática (anexo 2, imagens 23 a 26).

Durante uma conversa com o professor do laboratório de informática, consegui a sua parceria para fazer um aplicativo com a "Coleção semeadores da paz". Este aplicativo possui os livros digitais com áudio, frases, imagens e o *quiz* sobre cada um dos pacificadores estudados.

Em parceria com os alunos do 4º ano, do qual também sou professora no outro período, foram realizadas pesquisas, em casa e no laboratório de informática, sobre curiosidades do meio ambiente. Depois foram selecionadas as melhores informações e confeccionado um painel intitulado "Você sabia? S.O.S. planeta Terra", contendo perguntas e respostas com questões ambientais relacionadas à poluição, água, lixo e outras temáticas (anexo 2, imagens 26 a 29). O painel foi formado com as curiosidades em forma de perguntas e desenhos produzidos pelos alunos. Já as respostas ficavam embaixo de um cartão que deveria ser levantado para que se pudesse conhecer a mesma. Antes de ser montado o painel, escaneei todas as ilustrações para formar um livro com o mesmo nome (anexo 2, imagens 30 a 37). Este livro também foi apresentado na exposição que teve na escola "Leitura na qualidade de vida".

Conforme as atividades foram sendo desenvolvidas, senti a necessidade de organizar um espaço na biblioteca escolar a fim de promover o acesso ao conhecimento da cultura de paz e, para concretizar este objetivo, solicitei doações a diversos órgãos e entidades que desenvolvem projetos humanitários, entre eles a UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) que já me enviou diversos livros e materiais informativos (anexo 2, imagens 38 e 39).

Outro fato interessante que merece ser destacado foi uma notícia que foi amplamente divulgada na mídia, no final do mês de agosto, a respeito de um caso de racismo contra duas professoras negras de uma escola de Minas Gerais. O que chamou muito a minha atenção foi a forma como os alunos reagiram a esta situação. Quando eles chegaram comentando na sala de aula, alguns não sabiam o que tinha acontecido e eu aproveitei a oportunidade de explorar a mídia para mostrar uma das reportagens no projetor (Humilhação irreparável, 2017, on-line). Após eles terem manifestado uma profunda indignação com o que aconteceu com as professoras, uma aluna fez o seguinte comentário: "Professora, o nosso esquadrão da paz tinha que ir lá conversar com essas professoras para dizer que elas são importantes e que não deveriam ficar tristes." Eu achei muito interessante esta fala e na mesma hora disse para os alunos que não tínhamos como ir até lá, mas poderíamos enviar nossas palavras. Então sugeri que eles escrevessem uma mensagem para elas e fizessem um desenho, pois montaríamos uma carta gigante e enviaríamos pelo correio. Eles amaram a ideia e rapidamente se puseram a preparar a carta (anexo 2, imagens 40 a 46). A turma do 4º ano também participou desta atividade. Nela busquei resgatar valores de compaixão e solidariedade, para que, de acordo com Chalita (2005), não sejam desprezados, tornando-se escassos e deteriorados pela falta de uso. Um deles é o respeito à diversidade, através da aceitação do outro, visto que vivemos em um mundo com grandes diferenças, sejam elas culturais, religiosas, sociais, econômicas, entre outras. Depois de alguns dias, a professora, a qual enviamos a carta gigante, compartilhou no meu facebook uma mensagem de agradecimento pelo apoio, fotos e vídeo. Dezenas de pessoas amigas delas também escreveram mensagens para mim e para meus alunos. Esta foi mais uma experiência muito gratificante para todos (anexo 2, imagem 47).

Dando sequência às atividades do projeto Juntos pela paz: é tempo de semear, foi realizada a criação de uma logo, que seria utilizado num evento em comemoração ao Dia Internacional da Paz, que aconteceria em 21 de setembro (anexo 2, imagens 48 a 50). A melhor logo foi escolhida através de uma votação.

Também escolhemos a música "Sou da paz", do grupo Cia Tribo de Dança, e quando falei para os alunos, depois de assistir o vídeo, que ensaiaríamos essa dança para apresentar no mesmo evento, a maioria dos alunos disse que era muito difícil e que não conseguiríamos devido à complexidade da mesma. Neste instante fomos interrompidos por uma aluna que, muito motivada, começou a citar uma das frases que tinham levado para casa para discutir com os pais, a frase de Martin Luther King: "Se não puder voar, corra. Se não puder correr, ande. Se não puder andar, rasteje, mas continue em frente de qualquer jeito." E ela continuou falando: "Quem disse que não vamos conseguir? Vamos tentar! Se não ficar igual, não tem problema! Vamos fazer do nosso jeito. Mas vamos fazer!" Todos olharam para ela e entenderam o recado. Confesso que fiquei emocionada e sem palavras.

Nos dias seguintes, organizamos o evento em comemoração ao Dia Internacional da Paz, que foi estabelecido em 1981 pela ONU. Neste dia são celebradas a não violência e a paz mundial entre as nações. O evento aconteceu em frente ao Museu Histórico, no centro do município de Itajaí, e para a realização deste, pude contar com o apoio financeiro de alguns empresários do município. Além de participarem do projeto Juntos pela paz, que é desenvolvido na escola, os alunos também participaram do projeto internacional de arte e alfabetização, *Pinwheels for Peace* (Cata-ventos pela Paz), "plantando" cata-ventos com mensagens de paz nos jardins de nossa cidade. Nós confeccionamos 1000 (mil) cata-ventos, envolvendo nesta confecção todos os alunos da escola, e espalhamos nos jardins do nosso município com pensamentos sobre paz, *antibullying*, não violência, entre outros, e desenhos expressando visualmente seus sentimentos. Eles foram colocados nos jardins como uma declaração pública da busca pela cultura de paz. O vento espalhou pensamentos e sentimentos sobre a paz para todo o país e para todo o mundo (anexo 3, imagens 1 a 13). Além disso, foram realizadas apresentações artísticas sobre a temática, declamação de poesias, distribuição de folhetos com frases dos pacificadores pesquisados, distribuição de balões a gás brancos, pinturas no rosto e distribuição de mudas de árvores frutíferas (anexo 3, imagens 14 a 26). Paralelamente a este evento, nossa escola fez reflexões sobre a paz e um minuto de silêncio em favor da mesma. Em seguida foi realizado um abraço coletivo em prol da paz no mundo (anexo 3, imagens 27 a 32). O evento foi um sucesso e teve uma grande divulgação na imprensa (anexo 3, imagens 33 a 37). Conforme o tempo foi passando, novas alegrias foram surgindo com o projeto. Eu fiz minha inscrição e recebi o prêmio de 1º lugar na categoria Ensino Fundamental, no "Prêmio Mérito Educacional - Boas Práticas em Educação", promovido pela Rede Municipal de Ensino de Itajaí (anexo 3, imagens 38 e 39). Devido ao sucesso e a grande repercussão do projeto, tive a oportunidade de compartilhá-lo com educadores de outras nações, participando da *II International Conference Peace Education For Peacebuildin* (II Conferência Internacional Educação de Paz para a Construção da Paz), que realizou-se entre os dias 1 e 3 de dezembro de 2017, na Armênia. O principal objetivo da conferência era despertar a atenção da comunidade internacional para questões relacionadas à construção da paz e sugerir a necessidade de divulgar a cultura de paz para as futuras gerações, como uma das principais resoluções (anexo 3, imagens 40 a 47).

Com tudo que foi desenvolvido e vivenciado, percebi que o projeto não poderia ser finalizado em 2017, pois, devido à grande importância desta temática, a mesma deveria ser trabalhada constantemente nas escolas, por isso dei continuidade ao projeto em 2018. Vale a pena salientar que em 2018, inspirada pelo meu projeto no ano anterior, toda a escola está trabalhando, durante todo o ano letivo, a temática da cultura de paz, desenvolvendo o projeto interdisciplinar Leitura na qualidade de vida: ciranda pela paz. Em abril de 2018, aproveitando a proximidade do Dia Nacional do Livro Infantil (18 de abril), organizei com os alunos do 5º ano a feira de troca "Ciranda do livro". A ideia era aproveitar um livro que já teve sua

história conhecida pelos alunos e trocá-lo por outro e, assim, as histórias iriam transitando entre as crianças e suas famílias. Essa troca, além de incentivar a leitura como fonte de conhecimento, prazer e entretenimento, ajudou os alunos a aprenderem a importância do compartilhar e reaproveitar. Para a realização dessa feira, eu, juntamente com alguns alunos, passei em todas as turmas da escola, do pré ao 9º ano, solicitando que trouxessem livros de literatura que eles já tinham lido para serem trocados por outros. Todos os dias eu passava nas salas de aula para recolher os livros e entregava uma ficha por cada livro entregue, para que fosse trocada por outro livro no dia da feira. Conversei também com a coordenadora da creche do CEI Nilton de Andrade, que fica localizado próximo à escola, para também participar da feira com seus alunos. Após duas semanas de coleta, foram arrecadados 1177 livros (anexo 3, imagens 48 e 49). No dia da feira de troca, que aconteceu em 18 de abril, foi organizado um espaço no pátio da escola para que os alunos pudessem trocar as fichas recebidas por livros de seu interesse. Neste dia, em parceria com a professora de Língua Portuguesa, os alunos do 8º e 9º anos apresentaram peças teatrais de histórias da literatura infantil e de Monteiro Lobato. Todos os alunos da escola, antes de escolherem seus livros, assistiram, tanto no período matutino como no vespertino, as peças teatrais. Foi um momento muito especial e gratificante, principalmente ao ver os olhos brilhando dos alunos pequenos por cada livro escolhido (anexo 3, imagens 50 a 57).

Dando continuidade ao projeto, no início de 2018 também concretizei um sonho que eu já almejava há muito tempo: a criação do "Informativo semeadores da paz".

A ideia do informativo surgiu da observação das notícias divulgadas nos meios de comunicação. Todos os dias somos bombardeados com imagens de televisão, videogames, músicas e artigos de jornais ou revistas que dão mais importância aos conflitos e à guerra. Em sua maioria só transmitem informações negativas, como crimes, corrupção, drogas, falsificação, abusos, *bullying*, entre outras. A violência tornou-se comum e aceita como parte de nossa sociedade e, para alguns, é um modo de vida. A nova geração, a geração dos nossos alunos, dos nossos filhos, está crescendo acreditando que o mundo é só isso. Eles não têm referências e inspirações boas como exemplo. Eles precisam saber que para cada pessoa que faz o mal, existem milhares que fazem o bem e que suas histórias não são compartilhadas.

Danesh (2016) afirma que a educação e os meios de comunicação estão centrados em conflitos e sempre dando prioridade às notícias que falam de violência. Então as crianças são treinadas para o conflito, mas nunca aprendem os caminhos da paz. Nesse sentido, a prática da educação para a paz é uma oportunidade de propiciar o bem estar total dos alunos, pois serão tratados com justiça e igualdade, promovendo a responsabilidade individual e social tanto para educadores quanto para os educandos.

Tendo uma tiragem mensal de 3000 mil exemplares, com 12 páginas, e também no formato digital, o "Informativo semeadores da paz" aborda diversas temáticas nas seções sobre qualidade de vida, saúde, espaço família, ecologia, sustentabilidade, entrevistas com pessoas inspiradoras, viajando na História com pacificadores, notícias da ONU e toda uma ampla gama de conhecimentos e informações que se agreguem a estas e que contribuam para o bem individual e coletivo, beneficiando o máximo de pessoas possíveis e favorecendo a promoção de uma cultura de paz (anexo 3, imagens 58 a 69).

Além disso, buscamos valorizar e estimular a leitura e produção textual dos alunos, oportunizando melhoria da qualidade da leitura e escrita através da divulgação impressa, acessível a toda a comunidade, e através da divulgação on-line. Para apoiar essa missão, consegui estabelecer parcerias com empresários interessados em participar de um projeto que traz muitos benefícios, levando informações vitais, atemporais, que possibilitem crescimento para todos e em várias dimensões.

Para a elaboração do informativo, primeiramente visitamos as dependências de um famoso jornal do município, onde acompanharam as etapas do processo de criação e logística do mesmo. Em outro momento, fiz a apresentação da ideia do informativo para toda a comunidade escolar e, como já trabalho na escola há 25 anos e já dei aula para os alunos de todas as séries, pude montar com os alunos, de várias turmas, equipes responsáveis pelas diversas seções do informativo. Foram elaboradas atividades de consulta, pesquisa, entrevistas, fotografias e visitas, buscando material para compor o informativo. Com a equipe de responsáveis pelas seções, selecionamos os assuntos e as matérias sugeridas, enviadas por diversos alunos, que farão parte do informativo do mês. Os alunos de todas as turmas, professores, pais e colaboradores, se envolveram ativamente na confecção do informativo e isto contribuiu para que, de modo geral, os alunos percebessem o poder que têm as suas palavras

Os informativos são distribuídos gratuitamente a toda a comunidade e para cada um dos 20 patrocinadores são enviados 100 exemplares, a fim de que possam distribuir para seus clientes, amigos e funcionários.

Avaliação

Aprendizagem

A ONU (2017, on-line) afirma que existem atualmente quase de 7,6 bilhões de pessoas que vivem na Terra, então como podemos estabelecer um modelo para que todas essas pessoas vivam em paz?

Na medida em que o mundo é constituído por bilhões de indivíduos, cada indivíduo pode desenvolver práticas de paz pessoais para criar uma sensação de paz interior, que se expandirá para suas relações pessoais com a comunidade e para o mundo em geral.

Foi com esta convicção que busquei desenvolver habilidades, atitudes e conhecimentos, com métodos de aprendizagem cooperativos e participativos em um ambiente de tolerância, cuidado e respeito. Em todos os momentos, pude perceber que através do diálogo e da investigação os alunos se envolveram em uma trajetória de aprendizado compartilhado, assumindo a responsabilidade pelo seu próprio crescimento.

Apesar de ter tido obstáculos ao longo do desenvolvimento do projeto, como os alunos que tinham dificuldades e, principalmente, a luta contra o tempo e a necessidade de trabalhar outros conteúdos enquanto realizava as atividades do projeto, a aprendizagem se deu com muito mais intensidade, fazendo com que os alunos se divertissem e se envolvessem mais ao longo do processo, o que fez com que o projeto se tornasse muito gratificante em minha vida.

Como sempre falo aos alunos, pequenas atitudes podem fazer a diferença no mundo e se fizerem a diferença na vida de uma pessoa, já valeu a pena cada esforço, por isso desde o dia que iniciei o projeto Juntos pela paz: é tempo de semear, pude me alegrar à medida que o tempo ia passando, pois os alunos mostraram um interesse cada vez maior pelo mesmo.

Sem dúvida alguma, todas as atividades realizadas no projeto, além de desenvolverem valores relativos à paz e à não violência, através de experiências significativas para a vida de todos os seres do planeta, também promoveram o despertar e a valorização da leitura e da escrita. Os alunos foram sentindo cada vez mais o gosto por elas, que passaram a ter mais significado para eles e, ao discutirmos sobre as histórias lidas, as experiências com os pacificadores e sobre as reportagens produzidas para o informativo,

os alunos interagiam cada vez mais e mostravam uma maior maturidade nas reflexões, além de ampliarem seus conhecimentos culturais numa proporção inestimável.

A cada atividade realizada, percebia algo que poderia ter sido feito de forma diferente. Como educadora, sempre estou buscando aprimorar o meu trabalho em sala de aula e com este projeto não foi diferente. Todas as atividades tiveram algo de muito especial, ressaltando a confecção dos livros dos pacificadores e a elaboração do "Informativo semeadores da paz", que exigiu um grande envolvimento dos alunos, porém um dos aspectos mais importantes destas atividades foi o fato de que os alunos compreenderam que suas palavras foram semeadas e podem, sim, fazer a diferença na construção de um mundo melhor. Eles se sentiram especiais e isso foi evidenciado por todos os professores, que observaram um maior interesse dos alunos pela leitura e a escrita. Gostaria de destacar que produzir e distribuir um veículo gratuito com informações fundamentais à vida, informações para o bem, informações que toquem e que possam beneficiar muitas pessoas, é o que está na base do informativo, sem falar do alcance de milhares de outras pessoas que poderão se tornar semeadoras da paz, fazendo com que essa corrente do bem seja transmitida ao maior número de pessoas possíveis.

Ao desenvolver as atividades que haviam sido planejadas, fui percebendo também que estava no caminho certo. Os alunos foram perdendo a vergonha e até os que tinham mais dificuldades na leitura e na escrita começaram a ler oralmente e a escrever com mais facilidade. Ao analisar amostras de escrita de alguns alunos no início do projeto e depois de alguns meses, verifiquei o quanto eles progrediram e se apropriaram da escrita (anexo 2 , imagens 61 a 68). A realização de atividades diversificadas possibilitou o alcance das capacidades cognitivas, quanto às diferenças e às dificuldades dos alunos, melhorando o seu desempenho no processo de construção do conhecimento e integração social.

Outro ponto que merece destaque foram as estratégias metodológicas referentes às rodas de leitura, atividades lúdicas, laboratoriais, o uso de aplicativos, interpretação de textos, discussões, entre outras, que sem dúvida alguma promoveram a participação, o interesse e a compreensão dos conteúdos abordados, além de provocarem maior estímulo às questões relacionadas à leitura e à vida dos alunos em sociedade. Sabemos que o papel do professor é fundamental, tanto como mediador como orientador e participante ativo nas atividades, desse modo, os alunos sentiram-se motivados na medida que eu os incentivava ao trabalho.

Como uma professora promulgadora da cultura de paz, o mais importante que tenho em mente é que devo ser o exemplo para os alunos, pois compreendo o quanto é fundamental que o educador seja modelo do tipo de comportamento que deseja ver em seus alunos. O que você faz é tão importante quanto o que você diz. Se modelarmos bondade, compreensão e empatia, nossos alunos aprenderão bondade, compreensão e empatia. Se modelarmos intolerância e agressão, eles aprenderão a ser intolerantes e agressivos. As crianças aprendem muito mais com o que observam do que com o que é falado. Nolte e Harris (2009) apontam um aspecto importante sobre este ponto de vista:

"As crianças são como esponjas. Absorvem tudo o que fazemos, tudo o que dizemos. Aprendem conosco o tempo todo, mesmo quando não nos damos conta de que estamos ensinando. Assim, quando adotamos um comportamento crítico reclamando delas, dos outros e do mundo em torno de nós; estamos lhes mostrando como condenar e criticar os outros. Estamos ensinando a ver o que está errado no mundo, e não o que está certo." (NOLTE; HARRIS, 2009, p.15.)

Todos nós, professores, pais, amigos e familiares, temos o dever de mostrar o que é melhor e de atuar como modelos. As crianças não mostrarão preconceito ou ódio contra alguém de raça, religião, cultura, sexualidade ou deficiência, a menos que sejam levados a acreditar que este alguém é diferente. Através do nosso trabalho, planejamos contribuir para a extinção de todas as diferenças entre as pessoas para que todos possamos viver sentindo-nos seguros, felizes e em paz.

Sinto a necessidade de fomentar uma mudança significativa na vida dos alunos, proporcionando um "saber fazer" crítico e que lhes traga condições para a participação na vida social, até mesmo para uma melhoria em suas condições de vida (LIBÂNEO, 2001), e ao selecionar as atividades, sempre procurei fazer o resgate do saber do educando e a contextualização do conteúdo com as suas vivências e realidade. Não deixando de analisar, criticamente, cada uma delas, tanto em relação à aprendizagem, quanto em relação à construção de valores, como respeito, amor e amizade, essenciais para os alunos.

Outro ponto que merece destaque foi que, em agosto de 2017, solicitei aos alunos que fizessem uma avaliação de tudo o que tinha sido desenvolvido no projeto, a fim de que pudéssemos "aparar as arestas", ou seja, ver o que estava dando certo e aprimorar aspectos que necessitavam de melhorias (anexo 2, imagens 51 a 60). Confesso que fiquei emocionada com as colocações e senti uma imensa alegria em poder contribuir para que os alunos ficassem sensibilizados com a temática e tivessem outro olhar para os problemas que existem em nossa sociedade. Eu pude observar que o projeto atendeu com eficiência a diversidade dos alunos, pois foram promovidas ações que permitiram aos mesmos a construção do conhecimento científico, a interação com diversos gêneros textuais, a motivação pela leitura, a integração escolar e social e a valorização da vida.

Com o desenvolvimento desse projeto, criou-se também um ambiente de aprendizagem no qual todos os alunos foram sujeitos participantes de todas as suas etapas. Além disso, houve um grande envolvimento das famílias e da comunidade. Muitos pais que raramente vinham à escola, hoje são parceiros e estão presentes na vida escolar dos filhos e no desenvolvimento dos projetos escolares. Destaco também que instituí importantes parcerias com empresários, que se tornaram não só colaboradores do informativo, mas parceiros em outras ações, como palestras motivacionais e voluntariado, voltadas para a promoção da cultura de paz.

Vale a pena enfatizar uma característica que foi observada nesta turma e que merece destaque: a grande preocupação que eles tinham em auxiliar os alunos que apresentavam maiores dificuldades. Eles terminavam suas atividades e logo iam auxiliar os colegas. O entrosamento e a cumplicidade entre todos foram tão grandes que ficou evidenciado nos que possuíam mais dificuldades de aprendizagem, que se sentiam à vontade para pedir ajuda, expressar suas ideias e manifestar suas opiniões.

Conforme o tempo foi passando, também fui percebendo uma mudança muito grande nos alunos e no modo como analisavam tudo à sua volta. Eles começaram a ser mais parceiros da escola, ajudando a cuidar das crianças menores; ajudando a evitar conflitos durante a entrada e recreio e trajeto para casa, no ônibus escolar; sinalizando problemas que observavam no ambiente escolar, como lixo jogado no chão, banheiro, desperdício da merenda por parte de alguns alunos e falta de cuidado com os materiais da escola, torneira dos bebedouros vazando, enfim, eles começaram a discutir sobre ações a serem desenvolvidas na escola e em outros ambientes, que desenvolvessem atitudes pacíficas, solidárias e *antibullying*. Eles se denominaram o "esquadrão da paz".

Vale a pena salientar que, para os alunos serem sujeitos ativos na construção do próprio conhecimento, é importante que estes vivenciem condições e situações nas quais eles possam exercitar sua capacidade de pensar, comparar, formular e testar, eles mesmos, suas hipóteses, relacionando conteúdos e conceitos e, sem dúvida alguma, isso foi evidenciado no desenvolvimento de todas as atividades.

Quando os alunos estão aprendendo através da educação para a paz, as técnicas de sua educação devem refletir os valores que esta educação transmite. Estudantes que aprendem que suas opiniões são valorizadas, mas não recebem um mecanismo dentro da escola para expressar suas opiniões, verão a contradição e talvez não aprendam os aspectos necessários da educação para a paz. Por esta razão foi essencial não apenas ensinar sobre a paz na sala de aula, mas criar uma cultura de paz na escola.

Acredito que a paz floresce nas salas de aula e nas escolas quando as crianças são livres de medo de qualquer tipo. Isso inclui a liberdade tanto do medo físico, quanto psicológico. Em salas de aula em escolas tranquilas, o aprendizado se torna alegre para as crianças e elas se sentem confortáveis para expressarem suas ideias e opiniões sem medo de serem ridicularizados. O clima nas salas de aula é amigável e cooperativo. As crianças sentem empatia em relação aos outros e todos se sentem seguros, valorizados e respeitados. Isso até parece utopia, mas acredito que a escola pode ser um lugar onde as crianças gostem de aprender e os professores gostem de ensinar.

Na sala de aula somos responsáveis por promover um ambiente de aprendizagem em que os alunos se sintam seguros e felizes. Isso nem sempre é fácil, pois fatores externos podem desempenhar um papel de criação de tensão na escola. No entanto, procurei me concentrar em lidar com todas as questões, buscando tornar a aprendizagem empolgante. Ao fazê-lo, os alunos se motivaram para aprender e, dessa forma, a aprendizagem foi facilmente mantida. Todos aprendemos melhor quando somos diretamente envolvidos no processo de aprendizagem.

Senti-me muito realizada com a aplicação deste projeto, mas continuo em busca de alternativas para a construção da paz dentro e fora da escola, junto com a melhoria do ensino e da aprendizagem, sem nunca perder a esperança de que muitas mudanças e novas construções são realmente possíveis.

"Que nossas crianças sejam parte de um futuro que, pouco a pouco, elimine o medo, a fome, o preconceito e a intolerância, um futuro que aceite cada pessoa de nosso planeta na família da humanidade." (NOLTE; HARRIS, 2009, p. 142.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

ADAMS, David. História dos Primórdios da Cultura de Paz. 2003. Disponível em: < www.comitepaz.org.br>. Acesso em: 10 ago. 2017.

AUSUBEL, at alii. Psicologia educativa: um punto de vista cognoscitivo. México: Trillas, 1988.

CHALITA, G. Pedagogia do Amor. São Paulo: Gente, 2005.

COLOMER, Teresa. Andar entre livros: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

DANESH, HB. Education for Peace Reader. Volume 4 of Education for Peace Curriculum Series, Victoria (Canada): EFP Press, 2011. Disponível em: < http://efpinternational.org/wpcontent/uploads/2011/11/efp_reader.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2018.

_____. Tenemos que hacer currículos basados en la paz. El Espectador. Colômbia, 2016. Disponível em: < <http://colombia2020.elespectador.com/pedagogia/tenemos-que-hacer-curriculos-basados-en-la-pazhb-danesh>. Acesso em: 17 mar. 2018.

DECLARAÇÃO YAMOUSSOUKRO. Declaração sobre a Paz na Mente dos Homens. Yamoussoukro: 1989. Disponível em: < www.culture-of-peace.info >. Acesso em: 10 abr. 2018.

FERREIRO, Emilia; Teberosk, Ana. A Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Medicas 1985.

HUMILHAÇÃO IRREPARÁVEL. MG 1ª edição. Uberlândia: TV Integração, 25 de agosto de 2017. Programa de TV. Disponível em: < <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/humilhacao-irreparavel-relata-professora-negra-ofendida-por-mae-de-alunas-em-mg.ghtml>> Acesso em: 27 ago. 2017.

LAROUSSE, Ática. Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Ática, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 17 ed.

MANIFESTO 2000. Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não-violência. Paris: 1999. Disponível em: < www.comitepaz.org.br/dec_prog_4.html >. Acesso em: 10 mai. 2018.

MANIFESTO DE SEVILHA. Declaração de Sevilha sobre a Violência. David Adams e outros. Sevilha: 1989. Disponível em: < www.culture-of-peace.info >. Acesso em: 02 mai. 2018.

NOLTE, Dorothy Law; HARRIS, Rachel. As Crianças Aprendem o que Vivenciam: o poder do exemplo dos pais na educação dos filhos. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

ONU, Organização das Nações Unidas. Apesar de baixa fertilidade, mundo terá 9,8 bilhões de pessoas em 2050. 2017. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/apesar-de-baixa-fertilidade-mundo-tera-98-bilhoesde-pessoas-em-2050/>> Acesso em: 18 abr. 2018.

PASARÁN, Eliana. O papel do editor na promoção da leitura. Disponível em: < www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=346> Acesso em: 18 abr. 2018.

RIBEIRO, Lair. A Magia da Comunicação. São Paulo: Moderna, 1997

SAINT-EXUPÉRY, A. de. O pequeno príncipe. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

SOLÉ, I. Estratégias de leitura. Porto alegre: Artes médicas, 1998.

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Movimento Global para o ano Internacional da Cultura de Paz. Disponível em: < www.comitepaz.org.br > Acesso em: 18 abr. 2018.

_____. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz. 1999. Disponível em: < <http://www.comitepaz.org.br/download/Declara%C3%A7%C3%A3o%20e%20Programa%20de%20A%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20uma%20Cultura%20de%20Paz%20-%20ONU.pdf> > Acesso em: 18 abr. 2018.

_____. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Declaração de Luarca sobre o Direito Humano à Paz. 2007. Disponível em: <<http://www.comitepaz.org.br/download/Declara%C3%A7%C3%A3o%20de%20Luarca.pdf>> Acesso em: 18 abr. 2018.

Reflexão

Tenho consciência que não consegui mudar completamente as atitudes de todos os alunos, mas posso afirmar que pude fazer com que todos refletissem a partir das situações apresentadas, o que considero muito importante. Este projeto não deve se dar por terminado, é preciso dar sequência a essas atividades em sala de aula, sempre buscando a vivência de valores e ampliando-os, a fim de que possamos atingir o maior número de pessoas possível.

Seria muito importante que toda a experiência vivenciada com esse projeto pudesse ser desenvolvida em todas as unidades escolares, visto que poderíamos contribuir para que todas as pessoas se comprometessem a viverem uma vida pacífica.

Diante da crise em que se encontra o Brasil, não adianta ficarmos apenas reclamando e não tomarmos nenhuma atitude. Se pudermos contribuir de alguma forma para transformar o nosso país, por que não começar semeando a paz em todos os lugares?

Com pequenas atitudes e desenvolvendo atividades que não envolvem custos, apenas a dedicação, amor, tempo, respeito e afeto, poderemos trazer mais alegria e dignidade para as pessoas, muitas vezes esquecidas, abandonadas e marginalizadas.

Muitos consideram essas ideias ilusórias e sonhadores demais, mas para mim é esperança, um desejo de que possamos fazer algo a mais para mudar o mundo e a realidade na qual vivemos. Se não tivéssemos a esperança de que a situação atual pudesse mudar, o que estaríamos fazendo em sala de aula? Caso contrário, não seria possível existir mudanças na educação, na escola, enfim, na sociedade. O professor ensina e educa, pois acredita que é possível vivermos em um mundo mais digno e justo para toda a humanidade.

Nesse sentido, posso afirmar que quando uma pessoa está tentando influenciar outra para viver em paz, está semeando uma semente de paz no coração da outra. Acredito que todos nós podemos ser semeadores de paz, contribuindo de alguma forma em favor de uma cultura de não violência, dentro e fora da escola, mas sobretudo no nosso planeta, pois quando cada um fizer a sua parte, poderemos ver a paz vigorando no presente e nas futuras gerações.